

O imaginário arquetípico do puer andarilho

Maura Cristina de Melo Silva
Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Abordagem do imaginário da cavalaria à luz da teoria do puer aeternus. Nossa leitura cruza os destinos de Quixote e Rolando, suas aventuras, sonhos e desilusões em gravuras de tarot, perscrutando os contrários puer-senex nas novelas cervantina e calviniana.

Palavras-chave: Imaginário arquetípico – teoria do puer aeternus – novelas de cavalaria.

Resumen: Enfoque del imaginário de la caballería a la luz de la teoría del puer aeternus. Nuestra lectura cruza los destinos del Quixote y Rolando, sus aventuras, sueños y desilusiones en grabados del tarot, escrutando los contrarios en la novela cervantina y calviniana.

Palabras-clave: Imaginario arquetipico – teoría del pueaeternus – novelas del caballería.

Introdução

Ontem à noite, olhando os “campos lívidos da lua”, imaginamos...

O que acontece quando o leitor cruza folhas, embaralha papéis e considera como reais personagens ficcionais? “Tudo começou por culpa dos livros” (SANCHES, 2005, p.12). Falaríamos as mesmas palavras lidas?

Quando abrimos livros encontramos bosques; algo muito parecido fora dito por Umberto Eco:

Bosque” é uma metáfora para o texto narrativo, não só para o texto dos contos de fadas, mas para qualquer texto narrativo... Usando uma metáfora criada por Jorge Luís Borges..., um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para esquerda ou para direita de determinada árvore e, cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção (ECO, 2002, p.12).

Nos caminhos bifurcados do jardim, Borges reencontrou *Dom Quixote*, já não tinha mais certeza se acreditasse nas aventuras e diálogos entre o cavaleiro e o escudeiro; mas, disse ele, “sei que acredito no personagem do cavaleiro, e imagino que as aventuras foram inventadas por Cervantes a fim de nos mostrar o personagem do herói” (BORGES, 2000, p.108). Ele supõe que “podemos imaginar um momento em que Dom Quixote e Sancho...ainda existirão, embora todas as suas aventuras tenham sido obliteradas”. Mas, talvez “continuem inventando histórias que se ajustem a esses personagens... que sejam como espelhos” (BORGES, 2000, p.109-110).

Teria Dom Quixote aparecido no espelho? De certa maneira isso parece acontecer porque há bosques de adaptações, como aquele recontado mundo divertido, e ao mesmo ínterim profundo, de Miguel de Cervantes, trilhado pelo traçado de Agustín Sánchez (tradução de Marina Colasanti). Neste, em lugar onde se perdeu Peter Pan, encontraremos Dom Quixote ou o Senhor Alonso Quijano? Aquele que “gostava de poemas de amor e de romances de pastores, de histórias de viagens e dos versos que falam de mouros e cristãos” (SÁNCHEZ, 2005, p.12)?!

E existem mais outros bosques, onde poderemos esbarrar em *Orlando furioso*, decerto, soltasse fogo pelas narinas. Então, percebemos que há bosques revisitados como os de Ítalo Calvino. Este, como

o Mago do *tarot*, embaralha figuras enigmáticas que se sucedem compondo histórias com arquétipos literários, construindo um fascinante “quadrado mágico” não apenas visto, mas comunicado no mutismo dos personagens.

No entanto, que antes escutemos as regras do jogo calviniano na “orelha do livro”:

As cartas estão jogadas... Disso parece falar Ítalo Calvino em *O castelo dos destinos cruzados*: da aleatoriedade do mundo, da multiplicidade dos destinos, das probabilidades dos encontros, do jogo combinatório dos significados e das existências. Em um castelo – ou será uma taverna? -, algumas personagens contam suas histórias. Mas como estão impossibilitadas de falar... usam um baralho de tarô para narrar suas aventuras e desventuras. As mesmas cartas, porém, servem para várias histórias, e cada uma delas comporta múltiplas interpretações. Qual a mais verdadeira, não importa. Nos relatos..., o escritor ilusionista embaralha os destinos e se entrega à vertigem dos jogos combinatórios... uma espécie de quadrado mágico, sempre aberto, porém, a novas leituras.

Quando parecemos encontrar caminhos que se bifurcam entre uma narrativa infanto-juvenil e o mundo ficcional de Calvino, o escritor ilusionista embaralha os destinos e nos entrega à vertigem de novas possibilidades de narrativas e leituras.

Buscamos um cavaleiro louco de amor e/ou outro louco de ler?

Mas, ambos carregam títulos de nobreza de ser/ter o Dom de imaginar?

Estamos entre a cruz e a espada, ou seria entre a espada e o elmo?

Diríamos que estamos na luta do adulto contra o paraíso da infância. Mas, vamos ao encaixe da razão de Quixote e Rolando. Temos juízo?

Sua razão? O *Três de Copas* fez-nos lembrar que estava numa ampola guardada no Vale das Razões Perdidas, mas como a carta representava um cálice emborcado entre dois cálices de pé, era possível que nem mesmo naquele depósito estivesse conservada (CALVINO, 2002, p.51).

Nossa razão? Decerto, fora perdida entre os campos de trigo e moinhos de vento de La Mancha... Preferimos o *Dois de Copas* que nos faz sentir que Quixote e Rolando são como duas taças que se unem no coração dos leitores em fuga mágica.

Ontem à noite, “nos campos pálidos da Lua” vimos “Astolfo, havia subido à procura da Razão” Vale das Razões Perdidas... “Que juízo tirar, para norma da Terra, dessa Lua de delírio dos poetas?” (CALVINO, 2002, p.58).

Vale das Razões Perdidas para lá traçamos nossa trilha, aplicada em interpolar “os fios dos enredos, as razões e as desrazões” de Quixote e Rolando.

Enfim, os destinos e desatinos cruzados como caracteres do arquétipo do *puer aeternus* (eterno jovem).

O caráter do *puer aeternus* é de uma puerilidade que deve ser de algum modo superada. Sempre leva-o a sofrer golpes do destino que mostram a necessidade de agir de maneira diferente. Mas a razão não consegue nada nesse sentido, porque o *puer aeternus* não assume responsabilidade por sua própria vida (JUNG, op. cit. FRANZ, 1991, p.14).

Puer aeternus é nome de deus-criança nos mistérios eleusianos de culto à mãe, e é a *juventude eterna* que permanece durante muito tempo na vida adulta. Parece ser o caso do senhor Alonso que, aos cinquenta anos, encantava-se como menino quando dia e noite lia os livros de cavalaria; lia compulsivamente ao ponto de sua empregada dizer-lhe que “lendo desse jeito, vai acabar louco de tanto dragão e gigante!”.

Ao que Dom Alonso lhe respondia:

- Me deixe ler, que estou no melhor da história. O cavaleiro Florambel acaba de beber uma poção mágica que vai cicatrizar todas as suas feridas [...] o cavaleiro Cirolíngio de Trácia acaba de rebentar a cabeça de um dragão. O cavaleiro Amadis de Gaula está declarando seu amor à belíssima Oriana. [...] E a criada ia embora resmungando. Não podia entender como... Dom Alonso continuasse a se encantar que nem um menino com aqueles disparates. O fato é que o senhor Alonso gostava tanto dos livros... que de tanto ler e de tão pouco dormir, seu cérebro secou e ele ficou louco (SÁNCHEZ, 2005, p.15-16).

E a criada, imagem arquetípica de sua *anima* rudimentar, saía resmungando, sem entender o disparate do cinqüentenário Alonso encantado como um menino desperto e travesso de leituras, ao ponto de enlouquecer com o cérebro seco, denotando a fragilidade do ego diante do conflito do par arquetípico *senex-puer*.

O senhor Alonso terá consciência de ser o fiel da balança da história? Descobrirá a tarefa da *conexão psíquica* entre o passado e o futuro, o velho e o novo, expressa como polaridade *senex* e *puer*?

Os fatos históricos podem ser nada além de fantasias ligadas a, e derivadas de, núcleos arquetípicos centrais. Para além do padrão obscuro e emaranhado dos eventos, e por trás deles, estão experiências, realidades psicológicas de importância apaixonada, um substrato mitológico que dá à alma um sentimento de destino... E cada um, qualquer um que abre uma clareira no seu pedaço de floresta do passado é o herói que redime o tempo e o bode expiatório que, ao tomar para si os pecados, desfaz o tempo (HILLMAN, 1998, p.16-20).

Os olhos do senhor Alonso estão voltados às fantasias que chamamos “fatos atuais”, aquilo que está acontecendo no campo das narrativas, é a reflexão da experiência mitológica eterna. No emaranhado de personagens, acontecimentos e imaginação, Dom Alonso se depara pelo menos com três típicos cavaleiros, desde o enfermiço, passando ao valentão agressivo até o cavaleiro amoroso.

E todos passam a ser o seu espelho: enfermiço Florambel que bebe uma poção mágica para cicatrizar as feridas; o valente Cirongílio que rebenta a cabeça de um dragão; e o enamorado Amadis que declara amor à belíssima dama.

Por trás dos personagens da cavalaria e de suas experiências, estão realidades psicológicas de importância apaixonada. Referimo-nos a um substrato mitológico da busca que dá à alma de Dom Alonso um sentimento de destino.

Destino este possuído pelo arquétipo do *puer aeternus* relacionado ao imaginário do cavaleiro andante; e um sentido de que as aventuras e desventuras são para Dom Alonso justamente *aquilo que acontece e importa*.

Porém, explica Hillman, o que importa a alguém é o sentido de alma individual, sem ela não temos o sentido de história, sequer a adentramos:

Esse núcleo de alma, que trança os eventos nos padrões significativos das histórias e dos contos recontados, cria a história. A história é estória antes e fato depois... Apenas entram na história aqueles eventos que foram experimentados como fatos que importam para a estória contada por alguém. Apenas aquilo que é re-contado, re-dito, re-lembrado torna-se história. Essa busca do tempo perdido requer uma psique individual... experimentadora... Nada pode ser revelado por um jornal... a menos que a essência seja apanhada de dentro através de um padrão arquetípico. O arquétipo provê as bases para a união desses incomensuráveis, fato e significado (HILLMAN, 1999, p.16-17).

Desejoso de ser como seus heróis dos livros, Dom Alonso abre sua clareira na floresta do passado. Transformar-se-á no herói mais valente e mais nobre que o Imperador?

Mas, “o principal feito do herói é superar o monstro da escuridão; é unicamente o há muito

esperado triunfo da consciência sobre o inconsciente” (JUNG op. cit. HOFFMAN, 2005, p.124). Para tanto, nosso herói terá título e identidade autodenominando-se Dom Quixote de La Mancha (Sombra e marca da iniciação), e partirá pelas estradas desconhecidas (do inconsciente) como o escolhido ao chamado a aventurar-se (matando gigantes e defendendo órfãos e viúvas) numa jornada de individuação. Até porque “tudo que é vivo sonha com a individuação, pois tudo se encaminha para sua própria totalidade” (JUNG op. cit. HOFFMAN, 2005, p.123).

Decerto, cumpriria os passos de um cavaleiro andante! Mataria seus próprios moinhos de vento ou “gigantes”?

Mataria imaginários gigantes (= moinhos de vento como projeções do senex castrador, também deus dos maus ventos), como o herói andarilho que redime o tempo (até mesmo o de Carlos Magno!), lavando e curando a coletividade; e quando salva os órfãos (imagem do herói como indefeso puer) e as viúvas (imagem da Grande Mãe do herói) assemelha-se ao Filho-amante. Enfim, no vó ideacional de Dom Alonso surge Dom Quixote, o cavaleiro que desfaz o tempo e lhe desfaz em seu tempo feito “bode expiatório”, rotulado como o “louco de pedra”:

Não havia dúvida: Dom Alonso estava louco de pedra! Na idade dele, melhor teria sido dar uma voltinha no campo, sair para conversar com o padre e com o barbeiro da sua aldeia, tomar sopa quente e dormir muito. Mas, em vez disso, cismou de virar cavaleiro andante. Cavalaria sem descanso dia após dia, daria espadas a torto e a direito, dormiria no meio do bosque e comeria ervas do campo se não encontrasse nada melhor. Pobre Dom Alonso! E dizer que havia sido tão ajuizado! (SÁNCHEZ, 2005, p.15-16).

“Tudo o que é velho em nosso inconsciente indica algo que está por vir” (JUNG, op. cit. HOFFMAN, 2003, p.114). E o que antes fora “tão ajuizado” estava “louco de pedra” aos olhos da população, bastou Dom Alonso ser a *diferença* entre os iguais dos campos de trigo daquela acomodada aldeia não-leitora.

6. As polaridades puer e senex: enigmáticos paradoxos

É bem notório que em Dom Alonso as polaridades *senex e puer* oscilavam como lâminas de moinhos de vento, denotando o seu tormento psicológico e a gravidade da crise histórica na qual ele é: por um lado, prisioneiro de suas fantasias (“via aventura por toda parte”), pelas quais desembainhava “a espada nas horas menos apropriadas” e das quais ansiava libertar os indefesos dos gigantes e demônios; por outro lado, ele é aprisionado (enjaulado) na armadilha da realidade (a farsa dos amigos), pela qual ele se nega acreditar, preferindo a fuga, o vó ideacional. Logo, a polaridade passa por esse par “Pai Tempo e Jovem Eterno, temporalidade e eternidade, e os enigmáticos paradoxos de sua conexão” (HILLMAN, 1999, p. 20). Hillman faz a seguinte advertência:

Estar identificado com uma delas significa estar dominado pela atitude arquetípica com relação à história: o puer que transcende a história e pula para fora do tempo, e é enquanto tal a-histórico, ou anti-histórico em protesto e revolta; ou o senex, que é imagem da própria história e da verdade permanente revelada através da história. Nossa preocupação com o arquétipo do senex-puer é determinada pela transição dos milênios e indica o estágio mais avançado de nossa cultura...Portanto, nossa preocupação é ela mesma um reflexo do arquétipo, agora manifesto simbolicamente na cultura à nossa volta e nos complexos de nosso mundo interno. E a constelação dessa polaridade *como uma divisão* demonstra a gravidade de nossa crise histórica.[...] Senex e puer estão atados à própria natureza do desenvolvimento. Qualquer atitude, quando aparece, pode assumir as asas do puer e alçar vôo; qualquer atitude, quando ultrapassa sua maturação, pode perder contato com

a revelação, voltar-se para seu poder e perder o Tao (HILLMAN, 1999, p. 20-22).

A obsessão de Dom Quixote com a cavalaria reflete a queda da alma no sistema de tempo, e através disso tudo há uma divisão entre *puer* e *senex*. Por um lado, um Quixote aventureiro, imagem do *puer andarilho*; do outro, o *senex* Dom Alonso ajuizado (quando separado de seu próprio aspecto *puer*), de amizade sólida com o padre e o barbeiro: autoridades de sua aldeia. O Alonso *senex* e absorto no seu quarto, porque já era chegado o tempo de “tomar sopa quente e dormir muito”. Consequentemente como um solitário Saturno (imagem arquetípica do *senex*, patrono dos eunucos e celibatários) que mesmo se alimentando insaciavelmente de livros *seca* o cérebro, enquanto se estagna soturnamente para a senescência biológica de sua sexualidade.

Enfim, eclipsaria como negativo *Solis Niger*, tão absorto e de olhar perdido quanto o comensal do escritor Ítalo Calvino, na “História de Rolando louco de amor”. Referimo-nos ao guerreiro de braços de chumbo (saturnino), e que “movia a cabeça lentamente como se o peso de seus pensamentos lhe houvessem fendido a nuca” (CALVINO, 2002, p.47), separando-lhe o *senex* do *puer*. Seu profundo desespero pairava sobre a mesa como figura do *Rei de Espadas*:

Tentava transmitir num único retrato seu passado belicoso e seu melancólico presente, foi por ele aproximada da margem esquerda do quadrado, na altura do *Dez de Espadas*. E de repente nossos olhos foram como que cegados pela nuvem de pó das batalhas, ouvimos o som das trompas, já as lanças voavam em pedaços, já nos beiços dos cavalos que se atropelavam se confundiam as babas iridescentes, já as espadas ora de corte ora de lâmina batiam ora sobre o corte ora sobre a lâmina de outras espadas, e onde um círculo de inimigos vivos saltava sobre as selas e ao apearem já não encontravam os cavalos mas a tumba, lá no meio desse círculo estava o paladino Rolando que revoltava nos ares a sua Durindana.[...] Nós o reconhecemos, era bem ele que nos contava a sua história, feita de tormentos e tormentos, comprimindo o pesado dedo de ferro sobre a cada carta (CALVINO, 2002, p.47-48).

Os personagens das duas narrativas, cujas histórias são re-contadas, aqui se encontram pelos destinos e desatinos cruzados.

“Cada adulto traz em si uma criança latente – uma criança eterna, algo que está sempre em processo de se tornar... é a parte da personalidade humana que quer se desenvolver e tornar-se inteira” (JUNG, op. cit. HOFFMAN, 2005, p.120).

Alonso e o Rei, decerto haviam negligenciado essa parte importante da psique, aparentam desprovidos de sua criança eterna e de seu louco (Rolando e Quixote), e, consequentemente, também estão destronados e frios como “o *senex* que *a priori* é o princípio arquetípico da frieza, da dureza, do exílio da vida, [pois] frieza é também realidade fria” (HILLMAN, 1999, p.27-28). Mas, entre ambos existe a busca por intermédio da imagem e da imaginação

Separado de sua própria criança e de seu louco, o complexo não tem mais nada a nos dizer.[...] Sem loucura ele não tem sabedoria, apenas conhecimento – sério, depressivo, guardado nos cofres acadêmicos ou usado como poder. O feminino pode ser mantido secretamente aprisionado, ou pode ser a Dama Melancolia, consorte temperamental, como atmosfera emanando do complexo moribundo, dando-lhe odor de Saturno. [...] Ou, a fim de novamente despertar o lado *puer*, pode acontecer o apaixonar-se induzido pelo complexo. (Vênus nasce da espuma imaginal do inconsciente que surge da sexualidade dissociada, decepada de Saturno.) (HILLMAN, 1999, p.33-34).

“Tremei, gigantes do mundo!”, dizia o marginalizado Dom Quixote, enviando o seu recado, fazendo-nos lembrar que “o ódio à imagem, o medo ao seu poder, o horror à imaginação são arcaicos e muito profundos em nossa cultura” (HILLMAN, 1999, p.205).

“- Não entres!” [Quantas vezes ouvimos essa interdição!] “Todo o bosque parecia dizer-lhe: - Não entres!... O bosque do amor não é lugar para ti, Rolando!” (CALVINO, 2002, p.48):

É o despertar do lado *puer* para o Vale das Razões Perdidas. São os des(a)tinados cruzados das duas “tristes figuras”: Dom Alonso e o *Rei de Espadas*. O primeiro, sentiu-se um homem feliz e cheio de orgulho ao encarnar o Quixote, com armadura e lança de seus bisavós e um cavalo pele e osso (Rocinante); mas, “precisava ter também uma princesa a quem amar loucamente”, restara-lhe a camponesa grotesca, Aldonza Lorenzo (imagem da *anima* de Alonso), idealizada como princesa Dulcinéia de Toboso (imagem da *anima*, ou *puella* mágica de Quixote):

Dom Quixote estava louco varrido, imaginou que Aldonza Lourenzo fosse uma princesa; a princesa Dulcinéia de Toboso! E que linda era Dulcinéia na imaginação de Dom Quixote! Tinha a pele branca como a neve, faces rosadas como cravos, cabelos dourados como o sol e mãos delicadas como asinhas de anjo. E, em vez de semear trigo e catar batatas, costurava com fios de ouro e cantava canções ao som de uma harpa. Enfim, qualquer homem teria dado a alma para conhecer uma mulher como Dulcinéia. Uma vez que já tinha armas, cavalo e dama, só faltava a Dom Quixote sair estrada afora em busca de aventuras. E foi assim, que um belo dia... vestiu sua armadura, tomou sua lança, montou em Rocinante e afastou-se cavalgando da sua aldeia (SÁNCHEZ, 2005, p.22-24).

A outra Triste Figura, o *Rei de Espadas* (melancólico de chumbo por sua *Rainha de Espadas*, figura da *anima* repressora que subjuga seu ego), é já reconhecido Rolando, louco de amor, a ultrapassar a fronteira para o feminino do complexo (Angélica, a *puella* mágica):

Indicava agora a *Rainha de Espadas*. Na figura daquela dama loura, que em meio a placas metálicas e a lâminas afiadas exibe... sorriso de graça sensual, reconhecemos Angélica, a maga que viera... para a ruína das armadas francas, e não tínhamos dúvida... Rolando ainda estava enamorado dela... abria-se um vazio; Rolando ali pousou uma carta: o *Deus de Paus*. Vimos a floresta entreabrir-se a contragosto ante o avançar do campeão... Todo o bosque parecia dizer-lhe: - Não entres! Por que abandonas os metálicos campos de guerra... e te aventuras na verde natura mucilagínosa, nos espirais da continuidade viva? O bosque do amor não é para ti, Rolando! Estás seguindo um inimigo contra as insídias de quem não há escudo que te possa proteger. Esquece-te de Angélica! Volta! (CALVINO, 2002, p.48).

Quanto ao senhor Alonso, sua vida se torna literatura vivida pela face universal e eterna, conquistada pelo arquétipo do cavaleiro Quixote; quanto a Rolando (o mensageiro), sua vida é narrada como um jogo do “des-tino” (às lâminas arquetípicas do tarot), vivido pelo arquétipo do cavaleiro Louco de amor. Porém, a vida de ambos é sempre irrefletida, compulsiva e voraz, pois o *puer* lhes dá sua pulsão (idealismo e Eros), fazendo com que eles fossem longe demais nas fantasias de onipotência e de desejo de demandas do espírito.

A figura do *puer aeternus* é a visão de nossa própria primeira natureza, nossa sombra dourada primordial, nossa afinidade com a beleza, nossa essência angelical como mensageiros do divino... Através do *puer* nos é dado nosso sentido de destino e missão, de que temos uma mensagem e de que somos eternas escanções do divino... O *puer* personifica aquela faísca úmida dentro de cada complexo ou atitude que é a semente dinâmica original do espírito. É o chamado de uma coisa para sua própria perfeição, o chamado de uma pessoa para o seu *Self*, para ser verdadeiro consigo mesmo, para manter a conexão com seu próprio *eidós* divinamente criado. O *puer* oferece conexão direta com o espírito. Quebre essa conexão vertical e ele cai com as asas quebradas (HILLMAN, 1999, p. 42).

A figura do *puer* é nossa afinidade com a beleza essencial, como dissera Jung:

Faz parte do processo de crescimento ouvir as temíveis discordâncias que a vida real elabora e incluí-las entre as imagens da realidade. Verdade e realidade certamente não são a música das esferas – elas são a beleza e o terror da própria Natureza (JUNG, op. cit. HOFFMAN, 2005, p. 123).

Nos trigais de sua primeira natureza (sombra dourada), o amarelo e magro Quixote discute com o mercador a beleza de Dulcinéia: “a mais linda do mundo” *versus* “mulher com olhos de sapo”.

A discórdia é motivo de fúria para o *puer* Quixote que galopa em agressão e aos tropeços, próprios do arquétipo: olho roxo, nariz vermelho e dentes a menos, ossos quebrados e quedas; a armadura era-lhe pesada.

Nem por isso Quixote desiste de seu destino aventureiro. É-lhe dado o sentido de destino nas estradas de La Mancha, venceria seus moinhos de vento, ouvindo nos campos de trigo o chamado do *Self*. Por sua vez, Rolando desiludido pelo arcano do *Amor* mergulha na escuridão e “percorre uma terra que se tornou lunar”.

Considerações finais

Para finalizar, vale destacar que o aspecto *puer* do significado (para ambos: Quixote e Rolando) está na aventura provisória que sorrateiramente pega o ego por trás e o impulsiona à verticalidade (Rolando de ponta cabeça, como *O Enforcado*) e para frente (na lança posicionada de Quixote), conduzindo a alma a questionamentos maiores, à noite das confusões, à guerra dos rebanhos, à missão em Micomicón; enfim, aos arcanos do *Carro*, do *Amor*, da *Força*, do *Juízo*, do *Louco* e seu mundo da *Lua*.

E as vezes que Rolando e Quixote foram persuadidos ao mundo temporal pelo *senex* negativo (figurado como as vozes de resgate à razão), mais o *puer andarilho* cinde a conexão *puer-senex*, distanciando-se da razão (realidade), acentuando a impetuosidade suicida de Rolando (*O Enforcado*): de face serena e luminosa, olhos mais límpidos que no “exercício da razão”.. “Que estará dizendo? Diz: - Deixai-me assim. Dei a volta completa e compreendi. O mundo lê-se ao contrário. Tudo é claro” (CALVINO, 2002, p. 51).

No vôo ideacional do *apenas-puer*, alçaram Quixote e Rolando ao mundo de delírio dos poetas, em arcanas palavras *O Mundo da Lua*, pois, explica o escritor Calvino:”o mundo da Lua... livre curso às velhas fantasias sobre aquele mundo ao revés, em que...crianças dirigem os anciãos, os sonâmbulos governam o timão... e quanto outros paradoxos a imaginação pode compor e decompor (CALVINO, 2002, p.58).

Referências Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*; trad. José Marcos Macedo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVINO, Ítalo. *O castelo dos destinos cruzados*; trad. Ivo Barroso. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRANZ, Marie-Louise von. *Puer aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*; trad. Jane M. Corrêa. – São Paulo: Paulus, 1992.

HILLMAN, James. *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus*; trad. Gustavo Barcellos. – São Paulo: Paulus, 1999.

HOFFMAN, Edward. *A sabedoria de Carl Jung*; trad. Cecília Prada. – São Paulo: Palas

Athena, 2005.

SÁNCHEZ, Agustín. *Era uma vez Dom Quixote*; adaptação da obra de Miguel de Cervantes; trad. Marina Colasanti. – São Paulo: Global, 2005.